



## A MATURIDADE COMO PSICOPOMPO FEMININO NO MITO DE EROS E PSIQUE E NO CONTO “OS DESASTRES DE SOFIA” DE CLARICE LISPECTOR

Patricia Maria dos Santos Santana<sup>1</sup>

Robson Lacerda Dutra<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar intimamente as personagens femininas Psyqué (da história mítica de Eros e Psiqué) e a personagem de Clarice Lispector do conto “Os desastres de Sofia”. Veremos como a maturidade serve de mola mestra para determinadas histórias, agindo como uma espécie de guia condutor para o desenlace das mencionadas tramas.

**Palavras-chave:** AMOR, GÊNERO, AMADURECIMENTO.

*O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para  
que ela voe até o céu.*

MICHELANGELO BUONARROTI

*É preciso que eu suporte duas ou três  
larvas se quiser conhecer as borboletas.*

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

### INTRODUÇÃO

Através do presente trabalho procuraremos analisar a relação do conto “Os desastres de Sofia”, escrito por Clarice Lispector e publicado no livro *Felicidade Clandestina*, com o mito grego de Eros e Psiqué que chegou até nós através do escritor latino Apuleio em seu livro *Metamorfoses*, mais conhecido como *O Asno de Ouro*. Mostraremos como a questão da maturidade pode ser o psicopompo que

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), sob orientação do professor doutor Robson Lacerda. Contato: santannapatricia@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Portuguesa/Literaturas Africanas pela UFRJ com pós-doutoramento pela UERJ - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

motivará as duas personagens ao longo das duas histórias narradas visando à descoberta do “eu” de cada uma delas. Os dois personagens femininos, no caso, Psiqué e Sofia, apresentam muitos pontos em comum, cada uma de seu modo distinto e particular, e o entrelace dessas circunstâncias instiga e dá contornos ao nosso trabalho. Psicopompo é uma palavra de origem grega que surge da junção de *psyché* (alma) e *pompós* (guia) e que indica que alguém ou algo possui a função de guiar, conduzir a percepção de uma pessoa a algo relevante. Esse sentido orientador acarreta em transições internas e torna-se primordial à trajetória de quem o encontra como ocorre no caso das duas protagonistas das histórias em análise aqui.

Primeiramente, antes de discutirmos os pontos centrais que nos levaram a comparar o mito de Eros e Psiqué à narrativa de Lispector, achamos necessário fazer uma prévia sobre a importância do mito e da mitologia para as sociedades antigas e como este, de certa forma, foi preterido com o advento da filosofia. O mito é uma história de autoria anônima e coletiva com base em fatos fantásticos, inventada na tentativa de explicar as origens de fenômenos naturais ou de comportamentos humanos. A mitologia tinha por propósito expressar, através da representação dos mitos, o conjunto das relações dos homens com os outros homens e dos homens com a natureza. Os mitos mostram informações obtidas de tempos antigos e que se relacionam com os temas da vida humana, temas estes que serviram de alicerce na construção de civilizações e religiões desde os primórdios. Tais mitos também se relacionam com os problemas internos do homem e com os mistérios mais profundos da existência. Em suma, eles revelam o que todo ser humano tem em comum, pois mostram as histórias de nossas vidas sempre em busca de nossa verdade e do sentido de estarmos nesse mundo. Todavia, a explicação dada por intermédio deles não explica de maneira racional a realidade, apenas procura interpretá-la a partir de lendas e de histórias sagradas dos deuses pagãos, não tendo quaisquer argumentos para suportar a sua interpretação. Contrapõe-se, pois, à explicação filosófica que, por sua vez, procura, através de discussões, reflexões e argumentos, explicar a realidade, tomando como base de análise a lógica e a razão. Embora os mitos tenham sido ultrapassados por um modo de pensar denominado racional (lógico, argumentativo) erram os que acreditam que os mitos são crenças do passado, uma vez que as pessoas de hoje ainda possuem suas crenças, seguem superstições e acreditam em lendas. Apesar de a sociedade atual pautar-se no método racional do pensamento, o mito continua muito presente entre nós. Para Junito de Souza Brandão (1996), o mito nos deu a primeira grande tentativa de organizar e entender o mundo e a vida. De acordo com o filósofo Mircea Eliade, o mito é definido como

uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares.... O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos... O mito conta graças

aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano; é sempre, portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir...

(...)

O mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades. O mito cosmogónico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para o provar; o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o... E pelo facto do mito relatar as gestas dos seres sobrenaturais e manifestações dos seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as actividades humanas significativas. (ELIADE, 2000, p.12-13)

O mito possui um carácter lúdico e, ao mesmo tempo, educativo, e como em nada há neutralidade ideológica, o mito acaba passando as ‘visões de mundo’ de uma sociedade.

Por sua vez, a Filosofia (do grego *philos* = amizade + *sophia* = sabedoria) é uma área de estudos que envolve a investigação, a discussão e reflexão de idéias em uma situação geral. Originou-se da inquietação gerada pela curiosidade humana em compreender e questionar os valores e as interpretações comumente aceitas sobre a sua própria realidade. As interpretações comumente aceitas pelo homem constituem inicialmente o embasamento de todo o conhecimento. Estas interpretações foram adquiridas, enriquecidas e repassadas de geração em geração através de aceitações míticas. A partir da Filosofia surge a Ciência, pois o Homem reorganiza as inquietações que assolam o campo das idéias e utiliza-se de experimentos para interagir com a sua própria realidade. Assim a partir da inquietação, o homem através de instrumentos e de procedimentos equaciona o campo das hipóteses e exercita a razão. São organizados os padrões de pensamentos que formulam as diversas teorias agregadas ao conhecimento humano. Podemos afirmar que a Filosofia surgiu justamente para sobrepor toda aceitação mítica de mundo.

Todavia, pelo fato dos mitos mostrarem uma natureza múltipla de interpretações e estarem intimamente ligados ao inconsciente coletivo, entendemos os motivos de Sigmund Freud, o Pai da Psicanálise, retomar a natureza do mito como estímulo fundamental de análise para seus estudos sobre o inconsciente humano. Freud foi o responsável por criar uma nova interpretação dos mitos juntamente com sua função e sua origem. Uma tarefa difícil dentro da sociedade moderna já dominada pelo pensamento filosófico. Carl Gustav Jung, discípulo de Freud, concluiu que os mitos são as manifestações dos arquétipos ou modelos que surgem do inconsciente coletivo da humanidade e que constituem a

**A MATURIDADE COMO PSICOPOEMO FEMININO NO MITO DE EROS E PSIQUÊ E NO CONTO “OS DESASTRES DE SOFIA” DE CLARICE LISPECTOR**

base da psique humana. É justamente a existência do inconsciente coletivo que vai permitir compreender a universalidade dos símbolos e dos mitos, pois que estes se revelam em todas as culturas e em todas as épocas de modo idêntico. Além de ajudar no estudo do que está obscuro no inconsciente do indivíduo, a riqueza simbólica dos mitos auxilia na compreensão dos parâmetros do comportamento social e também na análise de posturas que tornam mais amenos os sofrimentos da vida em sociedade.

Nossa presente pesquisa considerará os fundamentos míticos e filosóficos nas obras “Eros e Psiquê” e no conto “Os desastres de Sofia”, respectivamente.

**O MITO GREGO E O CONTO DE LISPECTOR**

Apuleio nos apresenta a história de amor de Eros e Psiquê dizendo que na época em que os deuses ainda viviam entre os homens, havia na Grécia um rei que tinha três filhas belíssimas. A mais nova delas chamava-se Psiquê e era mais do que bela. Psiquê era muito nova, praticamente, uma criança. As palavras humanas não davam conta de descrever seus encantos e os milhares de pretendentes que chegavam ao reino, atraídos pela fama das irmãs, sentiam-se indignos diante dela e sequer ousavam pedi-la em casamento. Parecia, pois, uma divindade na terra. Pessoas de todos os lugares vinham em romarias esperando ver a jovem princesa passar; músicas e poemas eram escritos em sua homenagem, mas Psiquê, no alto do castelo de seu pai, continuava solitária: nenhum homem podia desposar uma mulher tão bela quanto a deusa Afrodite, a deusa da Beleza. Afrodite irritou-se com a situação, não suportando ver uma simples mortal cultuada em beleza como ela própria. Chamou seu filho Eros, o deus do Amor, e ordenou que ele fizesse Psiquê se apaixonar pelo ser mais horrendo que houvesse. Enquanto isso, desesperado com a situação da filha mais nova, o rei havia decidido buscar os conselhos do oráculo do deus Apolo que ordenou o seguinte: "Vista a princesa de luto, leve-a para a rocha mais alta à beira do mar na qual um monstro virá buscá-la e a transformará em sua esposa!" Como os gregos não costumavam discutir os conselhos dos deuses, a bela Psiquê foi levada em cortejo pelas ruas para cumprir seu destino, mas Eros já havia se apaixonado por Psiquê. Ele a salva do sacrifício e a leva para um palácio luxuoso onde todas as suas vontades são satisfeitas. Eros, que só a visitava à noite, a toma por esposa com a condição da moça nunca ver o seu rosto. Psiquê fica grávida de Eros. As irmãs de Psiquê que a visitavam e sentiam muita inveja da situação confortável da mesma, começaram a deixar a moça intrigada e dizendo que seu marido é o monstro descrito no oráculo de Apolo. Alimentada pelas intrigas das irmãs, ela decide matar o monstro com quem estava casada. Segura um punhal em uma mão e um candeeiro na outra. Aproxima-se do marido e, ao iluminar o rosto dele, descobre que se trata do deus do Amor. Psiquê deseja voltar atrás em

seus atos, mas já não era mais possível. Para completar a situação, ela se fere nas flechas de Eros, tornando o seu amor eterno. Uma gota da cera do candeeiro escorre e cai no ombro do deus adormecido que se levanta indignado e, em disparada, vai embora. Agora, para recuperar o amor e a confiança do marido, Psiquê precisa percorrer um longuíssimo caminho. Podemos afirmar que aqui começa a saga de Psiqué e a parte que nos interessa para dialogar com o conto de Clarice Lispector.

Psiquê significa alma em grego. Podemos entender a alma como a essência interior, o nosso “eu”. O mito fala justamente da beleza da união verdadeira entre o amor e a alma. No momento em que conhece o esposo, a jovem se transforma em mulher, apaixona-se e precisa sair em busca de si mesma. A jornada de Psiquê significa justamente o caminho do autoconhecimento e do amor verdadeiro que é cheio de perigos e armadilhas. Nenhum herói se faz sem provar sua coragem e sua competência. Psiqué é a heroína feminina de uma época clássica feita de heróis homens. Ela parte em busca de seu amor sozinha e grávida (e isto alude ao fato que toda decisão de mudança faz germinar uma semente de possibilidades). Primeiramente, Psiqué se vinga de suas irmãs maléficas sozinha. E, finalmente, quando é levada até a própria Afrodite, a deusa da Beleza impõe à moça diversos trabalhos para destruí-la. O primeiro deles é separar na escuridão da noite um enorme monte de grãos variados em pilhas organizadas. Psiquê é ajudada por formigas que se apiedam com a tarefa proposta à moça. O segundo trabalho é trazer a lã de ouro que cobria a pele de umas ovelhas ferozes que vagavam pelos campos. Um Caniço Verde salva a moça, dizendo como é que ela iria finalizar a tarefa. Para completar a terceira tarefa, Psiquê deve trazer a água da fonte que alimenta os rios infernais, no cume de um rochedo com dois dragões de cada lado e, desta vez, quem vem ajudá-la é a águia de Zeus. Afrodite dá ainda à moça uma última tarefa, a tarefa mais difícil de todas para uma mulher. Psiquê deve descer até as profundezas do mundo subterrâneo e pedir a caixa da beleza eterna de Perséfone, a rainha do Hades. Ela não poderia abrir a tal caixa em hipótese alguma. Quando a moça já está retornando, quase chegando, não aguenta e abre a caixa na esperança de ter para si um pouco da beleza eterna. No mesmo momento, é envolvida pelo sono sem fim. Eros é quem vai acordar Psiqué. Ele devolve o sono à caixinha, desperta a mulher com a ponta de sua flecha e diz para ela ir cumprir sua tarefa até o final, sem nenhum medo. Daí, ele vai ao Olimpo pedir a Zeus a benção dos deuses para o casamento. Hermes conduz Psiquê até sua nova e eterna morada. Zeus faz com que ela beba o néctar dos deuses para tornar-se imortal. A história acaba como devem acabar todas as histórias de amor: os deuses comemoram as núpcias de Psiquê e Eros com um grande banquete. Afrodite acaba, diante da aceitação de Zeus, aprovando a união. Psiquê e Eros são pais de uma menina chamada Volúpia que significa Prazer.

São muitos os símbolos que aparecem ao longo do mito de Eros e Psiqué. Eros é uma palavra derivada do grego Erw e se refere ao desejo irreprimível dos

**A MATURIDADE COMO PSICOPOEMO FEMININO NO MITO DE EROS E PSIQUÊ E NO CONTO “OS DESASTRES DE SOFIA” DE CLARICE LISPECTOR**

sentidos. Assim, também Cupido (latino), que vem do verbo latino cupere, se refere a desejar ardentemente ou ter desejos instintivos ou sensuais. Psiquê, palavra do grego Yuch, significa sopro ou princípio vital. Podemos relacionar Eros e Psiqué ao corpo e ao afeto. Com relação ao amor, encontramos diversas representações no mito: o amor como algo monstruoso (Eros é, de fato, o “monstro” visualizado pelo oráculo de Apolo que tomou Psiqué como esposa. Ele cumpre a previsão do oráculo, uma vez que ele é a personificação do amor e por sabermos que o amor pode mudar ou magoar profundamente quem o sente, ou seja, o amor pode ser monstruoso); o amor como algo a ser desvendado (Psiqué parte em busca de si mesma e de seu amor quando sai em sua dura jornada para cumprir as tarefas propostas por Afrodite); o amor idealizado na alma (no começo, antes da influência das irmãs invejosas, Psiqué aceita as visitas de Eros sem questionar quem ele realmente era) e o amor carnal, sexual (no caso, presente nas visitas noturnas de Eros à Psiqué). Podemos obter inúmeras interpretações sobre o mito de Eros e Psiqué, ainda mais se relacionadas com as inúmeras interpretações existentes sobre o amor.

Por sua vez, o conto de Clarice Lispector “Os desastres de Sofia” é homônimo ao livro infantil da escritora russa Condessa de Ségur, escrito no século XIX e badaladíssimo no Brasil durante a primeira metade do século XX. Ambas as obras de Clarice Lispector e da Condessa de Ségur narram as atitudes desastradas das meninas protagonistas. Apesar dessas semelhanças entre as histórias citadas, é somente o conto de Clarice Lispector que nos interessa tratar aqui (e não o livro da Condessa de Ségur).

O conto “Os desastres de Sofia” foi publicado pela primeira vez como “Travessuras de uma menina” em folhetim. O nome foi mudado quando começou a fazer parte do livro *Felicidade Clandestina*. O mencionado conto nos mostra a menina que gostava do professor gordo, grande, silencioso e feio. Ela era extremamente atraída por ele, mas infernizava as aulas para chamar a sua atenção. A menina fazia este jogo: amava e atormentava. Não estudava e, por isso, pouco aprendia. Certo dia, o professor deu como tema de redação uma história em que um homem pobre sai atrás de um tesouro e não o encontra. Então, esse homem volta para a sua casinha e começa a plantar no seu pequenino quintal. Tanto plantou, tanto colheu que um dia acabou ficando rico por vender os itens das inúmeras colheitas. A menina fez a sua redação rapidamente, pois estava ansiosa para correr no enorme pátio do colégio. No final da composição, a menina havia tirado uma lição de moral totalmente oposta ao espírito da história que ficou assim: *há um tesouro disfarçado, que está onde menos se espera*. Entregou a composição para o professor e foi brincar. Certo tempo depois, ela lembrou-se de procurar algo que estava na sala de aula. Lá encontrou o professor sozinho. Pela primeira vez, a menina ficara frente a frente com seu professor. Paralisada de medo e de confusão nos seus sentimentos entrou. Logo o professor mandou que ela apanhasse o caderno, mas a pobre menina não conseguiu tamanha foi a sua perturbação. Pela

primeira vez, ele riu e disse que ela era engraçada e um tanto doidinha. O professor elogiara a redação dizendo que estava bonita. A menina teve a sensação de ele ter se deixado enganar, uma vez que ele havia acreditado nela. A menina, então, logo concluiu: um homem adulto acreditava, também como ela, nas grandes mentiras. A menina voltou correndo para o recreio e correu tanto no pátio até ficar exausta. Era uma maneira quase desesperada de se defrontar com a perturbação que a tomou. Naquele momento, perdeu a fé nos adultos. O amargo ídolo havia caído na armadilha de uma criança perversa. Temia que ele achasse que ela era o seu tesouro disfarçado. "O professor agora destruía meu amor por ele e por mim" (LISPECTOR, 1998, p.113), pensara a menina desolada. A menina foi subitamente forçada a amadurecer ao descobrir que ela conseguira atingir o coração do professor. No final do conto de Lispector a menina descobre que o professor morrerá. Também no término do conto a narradora afirma que foi assim que no imenso pátio do colégio lentamente começou a aprender a ser amada, suportando o sacrifício de não merecer apenas para suavizar a dor de quem ama.

Sofia vem do grego *sophia* e significa 'sabedoria'. Em nenhum momento do conto é afirmado que o nome da menina é mesmo Sofia. Entender isto seria uma interpretação individual do leitor segundo a sugestão do título do conto. O professor também não é nomeado e poderíamos entender tal fato como a intenção de Lispector em generalizar personagens no âmbito universal e não individualizá-los em suas atitudes. Também podemos encarar o nome Sofia como uma possível sugestão ao próprio conhecimento em sua plenitude. Mas tudo isto fica no nível da especulação, da sugestão. Como sempre, estas são ricas artimanhas literárias claricianas.

## AMOR E MATURIDADE NAS HISTÓRIAS OBSERVADAS

Ambas as narrativas apresentam muitas possibilidades de análise e confronto. As duas personagens são tenras nas idades que apresentam e justamente o amor é o motivo que leva as meninas à maturidade, ao crescimento interior nas histórias analisadas. Figuras inexperientes, pueris que deixam suas condições de larvas e viram borboletas no final de cada trama. A *via crucis* para cada uma ocorre de maneiras distintas, mas com objetivos iguais: a salvação. Enquanto Psiqué atravessa um tortuoso caminho para salvar a sua relação de amor com Eros, a personagem de Clarice Lispector, por sua vez, atravessa uma trajetória dura de conhecimento do outro e de si mesma para tentar salvar o professor gordo e feio do mundo e dela própria.

Psiqué é ingênua e obediente no início da história. Mesmo sem a ajuda dos deuses em sua jornada, vai atrás de redenção para o seu amor. Todavia, a personagem de Lispector é perversa e esperta, mas se julga a única pessoa capaz de

proteger aquele que ela ama (ou seja, o professor) agindo, assim, como a sua verdadeira redentora. Age como se possuísse poderes divinos para isso. No final da história, ela percebe que é tão frágil quanto o seu protegido.

Ambas possuem momentos de fuga, de evasão durante as narrativas. Psiqué procurar fugir das árduas tarefas que lhe são impostas através das tentativas de suicídio que aparecem no texto. Na morte procura o fim dos pesares, mas sempre é resgatada e cumpre a sua sina até o fim. A personagem de “Os desastres de Sofia” tem seu momento de fuga da realidade na corrida e, depois, na calma do pátio da escola. Quando ela pensa que domina, se vê dominada. O pátio serve absolutamente como a válvula de escape dos sentimentos confusos que sente, fazendo com que reflita sobre a situação na qual está envolvida. Virgínia Maria Leal nos relata que Clarice Lispector “coloca suas crianças e adolescentes com sensibilidade apurada, já dotadas das mesmas angústias e questionamentos inerentes ao ser humano. Podem ser ainda incapazes de expressão consciente, mas o sentido da existência já as arrebatava”.<sup>13</sup>

Enquanto a personagem clariciana nos mostra que é completamente consciente e sabe bem tudo o que narra, simbolizando a verdadeira narrativa psicológica inerente à autora, Psiqué não se mostra consciente e se deixa influenciar pelos outros personagens da história. Contudo, essa perspectiva não desvaloriza a importância de Psiqué na trajetória de redenção do seu amor. Digamos que a personagem de Lispector se valoriza pelo seu aspecto psicológico e Psiqué se valoriza pelo seu aspecto atitudinal que compõe exatamente a espinha dorsal da trama da heroína grega. Psiqué mostra seu crescimento interior através de sua coragem em apresentar as tarefas.

Segundo Sigmund Freud (1914), a libido amadurece os indivíduos através da troca de seu objeto ou fixação do mesmo. Para ele, os humanos nascem poliformicamente perversos, pois uma enorme variedade de objetos podem se transformar em uma fonte de prazer, sem necessariamente se chegar até uma finalidade última constituída no ato sexual. O amor é fonte de prazer e alicerça da construção permanente da identidade. O conto de Lispector parece traduzir um pouco do pensamento freudiano, uma vez que na fixação pelo professor a menina desenvolve a sua libido e, dessa forma, o seu amadurecimento pessoal. A fase de amadurecimento que se inicia com a vivência da infância é tão importante que Reich (1989), ao ressaltar o indivíduo saudável, o caráter genital ou o indivíduo que é capaz de amar, descreve-o em várias áreas da vida onde a naturalidade se faz presente com expressividade afetiva de prazer no que se refere a si próprio, ao outro e ao ambiente. Reich ressalta como cada um constrói o seu modo de amar e como desenvolve seu desejo de ser amado incluindo a condição somática e afetiva. O caráter é a forma específica de uma pessoa reagir, havendo uma correlação entre

---

<sup>13</sup> LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. Disponível em  
<http://www.andrelg.pro.br/anais/index.php/clarice/article/viewFile/34/33>

os traços comportamentais, pensamentos e sentimentos do adulto com os impulsos reprimidos na infância. Portanto, essa atitude de reação provém das experiências da infância.

A dualidade “pureza” *versus* “impureza” aparece em cada história de formas distintas. No mito grego, a personagem Psiqué primeiramente representa a pureza no que se refere à ingenuidade por não questionar, não se rebelar perante os fatos e aceitar condições pré-estabelecidas. A maldade que aceita das irmãs também demonstra essa pureza no sentido de ser altamente influenciável e ingênua. Psiqué muda seu comportamento radicalmente ao perder o amor do marido e a ingenuidade (que antes imperava em seu comportamento) dá lugar à impureza da vingança. Com o crescimento interior, Psiqué se vinga das irmãs, matando-as. Todavia, a personagem de Lispector faz essa construção “pureza” *versus* “impureza” às avessas por se julgar uma menina impura que só atingiria a bondade quando se tornasse adulta:

Na minha impureza eu havia depositado a esperança de redenção nos adultos. A necessidade de acreditar na minha bondade futura fazia com que eu venerasse os grandes, que eu fizera à minha imagem, mas uma imagem de mim enfim purificada pela penitência do crescimento, enfim liberta da alma suja de menina. (LISPECTOR, 1998, p.113)

Outro ponto em comum nas duas obras está relacionado ao jogo do duplo (ideal *versus* real; desconhecido *versus* conhecido) e este fator é fundamental para desencadear a maturidade das personagens. As duas protagonistas começam desejando uma idealização de seus amados, mas, durante o desenvolvimento das narrativas, a redescoberta do verdadeiro outro irá gerar o processo de análise em questão, ou seja, o amadurecimento interior de ambas. No começo, Psiqué é papalva, ingênua e aceita seu marido da forma que ele se propõe a visitá-la, sem questionar sua identidade ou aparência e sem saber quem ele realmente é. Considerando o mito com a própria representação do amor, podemos dizer que essa fase de Psiqué simboliza a paixão, fase inicial do sentimento amoroso, onde é muito peculiar uma determinada “cegueira” em relação ao outro, segundo os especialistas da área, justamente pelo fato do sentimento estar muito forte e não nos permitir questionamentos que possam gerar um rompimento da relação. Parece que existe um limite de tempo para homens e mulheres sentirem os arroubos da paixão, se é que essas coisas relacionadas ao coração possam realmente ser comprovadas cientificamente... De acordo com a professora Cindy Hazan <sup>24</sup>, da Universidade Cornell de Nova Iorque, todos os seres humanos são biologicamente programados para se sentirem apaixonados durante 18 a 30 meses. Ela entrevistou e testou cinco mil pessoas de trinta e sete culturas

<sup>24</sup> HAZAN, Cindy. True love is all over in 30 months. In: Times Newspapers de 25.07.1999. Disponível em <http://www.fact.on.ca/newspaper/ti990725.htm>.

diferentes e descobriu que a paixão possui um "tempo de vida" longo o suficiente para que o casal se conheça, copule e produza uma criança. Suspeita-se que seu término também se deva à fisiologia cerebral, pois o cérebro não suportaria manter eternamente essa excitação. As pesquisas de Hazan mostram que a fase denominada “amor” só ocorre após a finalização do processo de “paixão”. Digamos, pois, que Psiqué sai do processo de paixão e segue, literalmente, no duro caminho do amor. A heroína aprendeu com sua história que amar alguém é ver como a pessoa amada realmente é e, mesmo assim, aceitá-la. Ao iluminar Eros, Psiqué o aceita e, dessa forma, parte para a sua jornada. Amadurece com a dor e segue em sua caminhada de luta.

Por vez, no começo do conto “Os desastres de Sofia”, a personagem clariciana também possui uma imagem particular do professor através do poder e da tirania hierárquica que ele transmitia em sala de aula, mas ao visualizar uma determinada doçura e ingenuidade nele por causa da redação que ela escreve, seus pensamentos ficam confusos e, com isso, se dá o desdobramento da história. Em um momento de epifania, de estalo de consciência, a menina enxerga a realidade e muda em seu interior, nos remetendo ao seu íntimo pensamento com a descoberta do “novo” professor que se apresenta perante os seus olhos ao dizer:

Tive que engolir como pude a ofensa que ele me fazia ao acreditar em mim, tive que engolir a piedade por ele, a vergonha por mim, “tolo!”, pudesse eu lhe gritar, “essa história de tesouro disfarçado foi inventada, é coisa só para menina!”. Eu tinha muita consciência de ser uma criança, o que explicava todos os meus graves defeitos, e pusera tanta fé em um dia crescer – e aquele homem grande se deixara enganar por uma menina safadinha. Ele matava em mim pela primeira vez a minha fé nos adultos: também ele, um homem, acredita como eu nas grandes mentiras... (LISPECTOR, 1998, p.113)

A menina de Clarice Lispector também aprendeu com sua história que amar alguém é ver como a pessoa amada realmente é e, mesmo assim, aceitá-la. Ao escrever a sua redação, iluminou inconscientemente o seu professor e também fez o seu professor se mostrar; agora ele é o verdadeiro professor e não o professor idealizado anteriormente. Também existe uma alusão indireta no conto ao fato da escrita como forma de mudança interior, de total transformação para quem lê. A partir desse ponto da história, a personagem de Lispector aceita o mundo e, assim, parte em sua jornada pela vida, também amadurecendo com a dor como amadureceu Psiqué.

As marcas de sofrimento desenvolvidas pelo amor que são apresentadas em cada história desenvolvem o crescimento interior e se tornam guias de cada uma das personagens. As duas narrativas indicam a dureza da plena consciência de algo para se obter o amadurecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função do amor no mito grego e no conto de Lispector é de levar as personagens centrais para a maturidade própria de cada uma delas e também de denunciar a importância e a origem perturbadora desse sentimento que é o grande desejo de toda a humanidade.

As duas narrativas são diferentes, mas possuem temas que são iguais. Tais temas nos deram o sustento necessário para explicar o ponto crucial da formação da maturidade nas histórias. Através dessa maturidade (de certa forma um tanto precoce para ambas as personagens, pois, as duas são muito tenras em idade), as meninas encontrarão os psicopompos individuais para construir os enredos das tramas e as descobertas de si mesmas e de seus mundos.

Na história grega de Eros e Psiqué observamos a narrativa mítica se relacionando com um problema interno do ser humano, o amor, sem muito se incomodar em explicar os fatos de acordo com o fator racional da realidade, sem argumentos para suportar a sua interpretação. Essa postura sem compromisso com o real é típica da mitologia. Por sua vez, a Filosofia surge para explicar a realidade com base na concepção lógica e na razão. O pensamento racional que é coroado com o advento da Filosofia deixa de lado as concepções fantásticas relacionadas ao pensamento mítico. Todavia, o conto de Clarice Lispector intitulado “Os desastres de Sofia” parece fazer alusão ao fato de que em termos de amor não existe definitivamente lógica ou razão que o justifique. Se *sophia* é um vocábulo grego que significa ‘sabedoria’ e não temos em nenhum momento do conto a confirmação de que o nome da protagonista é realmente Sofia, concluímos que a intenção da autora foi mesmo mostrar que o desastre da trama está no entendimento que passamos a ter da vida e do próprio amor. Com isso, o nome da história se justifica em si. Uma vez que a Filosofia tenha chegado para assegurar o lugar da razão, o conto surge como uma contraproposta clariciana para essa filosofia, uma vez que tais desastres também servem para sinalizar que a razão e a lógica não explicam as coisas relacionadas ao afeto - considerando que por esse campo ninguém nunca conseguirá afirmar nada racionalmente, por mais que se esforcem os especialistas da área em suas longas pesquisas. Clarice Lispector deixa a mensagem que nada em termos de amor nos dará certeza plena. Nunca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**: volume 1. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEZOTTI, Maria Celeste & MALHADAS, Daisi. **Dicionário Grego-Português**. SP: Ateliê Editorial, 2007.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Porto: Edições 70, 2000.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1914. (Edição Standard Brasileira)

HAZAN, Cindy. True love is all over in 30 months. In: Times Newspapers de 25.07.1999. Disponível em <http://www.fact.on.ca/newspaper/ti990725.htm>. Acesso em 20.05.2010 às 22h.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEAL, Virgínia. O Nascimento de uma escritora em “Os desastres de Sofia”. Disponível em

<http://www.andrelg.pro.br/anais/index.php/clarice/article/viewFile/34/33>. Acesso em 20.05.2010 às 23h.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2000

**Abstract:** This paper aims at analyzing with intimacy the feminine characters Psyche (from the mythic story Eros and Psyche) and the Clarice Lispector’s character from the tale “Os desastres de Sofia”. We will see how maturity can be the mainspring for certain stories, being a kind of guide to lead these stories to their outcome.

**Key Words:** LOVE, GENRE, MATURITY.

**Recebido em 23 de novembro de 2010; aprovado em 03 de janeiro de 2011.**